

DANÇA COM UM CROMOSSOMO EXTRA: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE ABORDAGENS ARTÍSTICO-PEDAGÓGICAS

María Fernanda Godínez Sosa
GODÍNEZ SOSA, M. F.
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Ana Maria Rodriguez Costas
RODRIGUEZ COSTAS, A. M.
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Palavras-chave: ENSINO DE DANÇA. SÍNDROME DE DOWN. ABORDAGENS PEDAGÓGICAS. DEFICIÊNCIA.

INTRODUÇÃO:

A Síndrome de Down é uma condição genética caracterizada pela trissomia do cromossomo 21, o que implica alterações no desenvolvimento físico e cognitivo. Pessoas com essa condição podem apresentar comprometimentos motores, hipotonia muscular, dificuldades na comunicação verbal e aprendizado, embora apresentem ampla diversidade de habilidades (Paiva; Melo; Frank, 2018). Considerando essas especificidades, em contextos de ensino, torna-se essencial o uso de abordagens pedagógicas que respeitem os ritmos e potencialidades de cada indivíduo.

A dança pode ser compreendida não apenas como manifestação artística, mas também como uma linguagem educativa e um campo de construção de subjetividades. Contribui para o desenvolvimento da consciência corporal, da comunicação não verbal e do sentimento de pertencimento (Moreira, 2020). Dessa forma, o ensino da dança para pessoas com deficiência deve ser estruturado a partir de abordagens que acolham a diversidade corporal e estimulem a liberdade criativa.

Nesta pesquisa buscou-se identificar e analisar abordagens artístico-pedagógicas da dança voltadas para pessoas com Síndrome de Down, a partir da observação de práticas e do estudo sobre os métodos utilizados em aulas de dança ministradas por profissionais da área em duas instituições da cidade de São Paulo: o Núcleo Dança Aberta, que desenvolve projetos inclusivos com pessoas com e sem deficiência, e o Instituto Movimentarte, cuja atuação é voltada

especificamente para alunos com Síndrome de Down.

Examinou-se de que maneira as professoras estruturam suas aulas, quais estratégias e procedimentos são adotados para promover a participação de todos os alunos no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, procurou-se identificar os recursos e materiais didáticos utilizados nas práticas corporais, observando como esses elementos contribuem para a construção de ambientes de aprendizagem mais inclusivos e acessíveis às necessidades individuais dos estudantes.

Entre os métodos de dança observados, destaca-se o DanceAbility, criado por Alito Alessi nos Estados Unidos no ano 1987, propõe uma abordagem baseada na improvisação e na escuta corporal, possibilitando a participação de pessoas com e sem deficiência em um mesmo espaço de criação.. Essa metodologia foi identificada em práticas do Núcleo Dança Aberta.

No Instituto Movimentarte, observou-se a presença de elementos inspirados na metodologia desenvolvida pela própria instituição que se destaca por estar centrada na pessoa como protagonista do processo educativo. Essa metodologia permite aos professores combinarem diferentes abordagens pedagógicas conforme as necessidades dos alunos. Composto essa proposta metodológica, encontra-se o método Rambert Grades, desenvolvido pela Rambert School of Ballet and Contemporary Dance (Reino Unido), que combina estrutura, técnica e liberdade criativa.

OBJETIVOS:

Esta pesquisa tem como objetivo principal investigar as práticas pedagógicas inclusivas no ensino da dança voltadas para pessoas com Síndrome de Down, a partir da análise de metodologias utilizadas por profissionais atuantes em duas instituições da cidade de São Paulo: o Núcleo Dança Aberta e o Instituto Movimentarte. Busca-se compreender como essas instituições constroem propostas educativas que respeitam as singularidades dos participantes, promovendo a expressão corporal, a autonomia, o protagonismo e a inclusão social por meio da arte.

Pretende-se, ainda, identificar de que forma as aulas são estruturadas, quais estratégias são adotadas para favorecer a participação ativa dos alunos e que tipos de materiais e recursos pedagógicos são incorporados nas práticas corporais. Ao examinar essas questões, a pesquisa visa compreender como o ensino da dança

pode ser adaptado às necessidades e potencialidades de pessoas com deficiência intelectual, contribuindo para a formação integral dos sujeitos.

Outro objetivo é analisar abordagens metodológicas específicas, como o DanceAbility, baseado na improvisação e na escuta corporal, bem como a proposta do Instituto Movimentarte, centrada na pessoa e marcada pela combinação de diferentes técnicas conforme o perfil dos alunos. Ao colocar em foco essas experiências, pretende-se evidenciar o papel da dança como campo de construção de subjetividades e de relações sociais mais inclusivas.

Por fim, o estudo pretende contribuir com o campo da educação em dança ao oferecer reflexões sobre os caminhos possíveis para uma pedagogia inclusiva, que valorize a diversidade de corpos, assim como a defesa da dança como um direito de todos.

METODOLOGIA:

Com uma abordagem qualitativa, o intuito central desta pesquisa foi aprofundar a compreensão sobre os processos pedagógicos envolvidos na prática da dança com pessoas com Síndrome de Down, buscando não apenas descrever as atividades, mas também compreender suas implicações e significados no contexto educacional e artístico.

O trabalho iniciou-se com um mapeamento preliminar cujo objetivo foi identificar instituições, coletivos e espaços que desenvolvem atividades de dança direcionadas a pessoas com deficiência, com atenção especial para aquelas voltadas ao público com Síndrome de Down. Esse levantamento incluiu consultas a redes sociais, páginas institucionais, conversas informais e indicações de profissionais da área. A partir desse processo, foi possível localizar e estabelecer contato com diferentes iniciativas, das quais foram selecionadas, como foco da investigação, duas instituições situadas na cidade de São Paulo: o Núcleo Dança Aberta e o Instituto Movimentarte, ambas reconhecidas por seu trabalho voltado à inclusão e à experimentação artística.

Inicialmente, procurou-se identificar e revisar os principais temas que atravessam e fundamentam este estudo, destacando-se as discussões relacionadas à dança enquanto linguagem artística e forma de expressão (Marques, 2010; Trada, 2009; Diniz, 2018), à compreensão da Síndrome de Down e suas especificidades

(Vasconcelos, 2024; Powell-Hamilton, 2018), às interações entre dança e educação (Noronha, 2023) e, por fim, às pedagogias e abordagens de ensino voltadas para pessoas com deficiência (Vendramin, 2014; Paulino, 2018; Skoning, 2008). Essa etapa teórica serviu como base para a construção das perguntas e para a interpretação posterior dos dados.

No que se refere à coleta empírica, optou-se pela observação participante como ferramenta central, pois ela permite vivenciar de perto a realidade estudada, captando tanto aspectos planejados quanto situações espontâneas. No Núcleo Dança Aberta, ocorreram três observações durante as aulas abertas, oferecidas um sábado por mês no espaço do núcleo. Já no Instituto Movimentarte, foram feitas quatro observações, uma a cada semana, com foco em uma turma específica que participava das aulas de dança contemporânea para iniciantes.

Durante todas essas vivências, foram feitas anotações detalhadas sobre as dinâmicas de sala, os métodos empregados, a utilização do espaço e dos materiais, bem como a atmosfera geral das aulas. Esses registros foram organizados em um diário de campo, que serviu como repositório de impressões, descrições e reflexões iniciais.

A partir desse material, foram elaborados roteiros para a realização de entrevistas semiestruturadas com as professoras responsáveis por cada instituição. O objetivo das entrevistas foi compreender, sob a ótica das docentes, como se estruturam os processos pedagógicos, quais metodologias e recursos são utilizados, quais desafios emergem no dia a dia e que estratégias relacionadas ao ensino da dança com e para pessoas com Síndrome de Down.

Essa combinação de mapeamento, revisão teórica, observação participante e entrevistas buscou construir um quadro amplo, detalhado e sensível, capaz de iluminar as práticas pedagógicas inclusivas e suas contribuições para a formação artística e social dos participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Na entrevista com a professora do Instituto Movimentarte, surgiu o relato de um aluno que não gostava de ser tocado fisicamente. Esse aspecto se torna relevante porque, no método Rambert Grades, há exercícios cuja proposta envolve a realização de movimentos a partir do estímulo provocado pelo toque. Diante da

recusa do aluno, emergiu a questão: como garantir sua participação sem ultrapassar limites pessoais, mas assegurando os objetivos pedagógicos?

Essa problemática pode ser relacionada à reflexão de Silva Neto et al. (2018) em Educação inclusiva: uma escola para todos, que apresenta quatro fases da trajetória das pessoas com deficiência: exclusão, segregação, integração e inclusão total. Embora descritas em contexto histórico, ainda se manifestam nas práticas pedagógicas, inclusive na dança. A exclusão ocorre quando o professor dispensa o aluno da atividade; a segregação, quando atribui exercícios distintos e desconectados; a integração e a inclusão representam avanços ao reconhecer o direito à educação de qualidade em igualdade de condições.

Nessa perspectiva, o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) apresenta-se como abordagem fundamental, organizada em três princípios: múltiplos meios de apresentação, de ação e expressão e de engajamento (Sebastián-Heredero, 2020). Retomando o caso, a professora optou pela inclusão: utilizou um tecido como mediador do estímulo, evitando o contato direto, mas garantindo participação e objetivos da atividade. Essa decisão dialoga com os princípios do DUA ao oferecer alternativa de apresentação, criar nova forma de expressão e favorecer o engajamento, respeitando a sensibilidade individual.

Outro ponto destacado em entrevistas com as professoras do Núcleo Dança Aberta refere-se à acessibilidade arquitetônica. Em projetos de circulação pelo interior de São Paulo, perceberam a dificuldade em encontrar espaços acessíveis. Em um clube, adaptações provisórias feitas para uma oficina tornaram-se permanentes, evidenciando impacto positivo da experiência. Esse exemplo demonstra que a acessibilidade física é essencial para efetivar práticas inclusivas. Espaços adequados com pisos apropriados, rampas e banheiros adaptados asseguram participação com autonomia e segurança. Como ressaltam Kowaltowski, Moreira e Deliberador (2012, apud Lima, 2023), a qualidade do ambiente impacta diretamente o aprendizado e o comportamento dos alunos.

No Instituto Movimentarte, observaram-se elementos lúdicos empregados como recursos pedagógicos, contribuindo para consciência corporal, postura e estabilidade. Contudo, surgiu a preocupação de evitar reforçar visões capacitistas, especialmente no caso da T21, frequentemente associada ao estereótipo da “criança eterna” (Lepri, 2019). O desafio consiste em utilizar o lúdico como ferramenta de ampliação das possibilidades expressivas, sem infantilizar. Nos

encontros observados, os materiais foram empregados de forma orientada, favorecendo autonomia, segurança e exploração criativa, sem caráter meramente recreativo.

No Núcleo Dança Aberta, o trabalho se estrutura a partir do DanceAbility, método criado em 1987 por Alito Alessi, inspirado no contato improvisação de Steve Paxton. Neca Zarvos e Priscila Jorge receberam formação com Alessi e difundem a proposta no Brasil. O enfoque está em criar um espaço inclusivo, sem distinções entre corpos com e sem deficiência, mas na valorização das singularidades (Alessi, 2023). Paxton (DanceAbility Emeritus, 2023) reflete que a sociedade reforça estigmas sobre a deficiência por meio da linguagem, educação e políticas. Nesse contexto, o DanceAbility se afirma como prática que rompe preconceitos.

Durante as aulas abertas acompanhadas, a prática se concretizou por meio da improvisação, estruturada a partir de comandos das professoras, com adesão conjunta dos participantes. Essa abordagem, sem regras rígidas, possibilita que cada pessoa explore sua expressão, respeitando limites e escolhas. Cabe, no entanto, atenção aos sinais verbais e gestuais de desconforto diante do contato físico, validando os limites individuais.

Importa destacar que o objetivo central deste estudo não esteve na comparação entre pedagogias, mas na compreensão de como práticas inclusivas em dança são construídas. Assim, buscou-se analisar instituições que reconhecem a arte como direito acessível a todos, em espaços educacionais não formais na cidade de São Paulo.

As observações revelaram que, apesar das diferenças metodológicas, tanto o Instituto Movimentarte quanto o Núcleo Dança Aberta partem da valorização da pessoa como ponto inicial, desenvolvendo relações interpessoais e integração no coletivo. No Movimentarte, esse processo se dá por propostas mais coreografadas; no Núcleo, pela improvisação e estímulo a gestualidades pessoais. Em ambos os casos, mantém-se como foco central o protagonismo do participante e o respeito à individualidade, configurando a dança como construção autônoma e coletiva, adaptada às especificidades de cada grupo e contexto.

CONCLUSÕES:

A investigação realizada teve como propósito compreender de que maneira práticas pedagógicas inclusivas em dança podem se efetivar junto a pessoas com

Síndrome de Down. A partir das observações e entrevistas conduzidas em duas instituições paulistanas, o Instituto Movimentarte e o Núcleo Dança Aberta foi possível perceber que, embora cada uma adota caminhos metodológicos distintos, ambas compartilham o compromisso com a inclusão, a valorização da diversidade e a promoção da autonomia dos participantes.

No Instituto Movimentarte, destacou-se uma proposta estruturada em construções coreográficas e no uso de materiais didáticos, associada a metodologias que potencializam o desenvolvimento motor e criativo dos alunos. Já no Núcleo Dança Aberta, o foco esteve no método DanceAbility, no qual a improvisação e a escuta corporal são utilizadas como estratégias centrais para a criação de um espaço sem distinção entre corpos com ou sem deficiência. Essas diferenças, longe de representarem oposição, revelam a amplitude de possibilidades existentes para a construção de pedagogias inclusivas em dança.

De modo geral, a pesquisa evidencia que o acesso à dança, entendido como direito cultural e educacional, ainda enfrenta obstáculos relacionados à falta de políticas públicas, à formação docente especializada e à infraestrutura acessível. No entanto, experiências concretas, como as analisadas, demonstram caminhos possíveis para a efetivação de práticas inclusivas que respeitam tempos, limites e potencialidades individuais. Nesse contexto, o Núcleo Dança Aberta continua investindo em projetos com fomento público, oferecendo cursos e formações de forma gratuita, ampliando de maneira contínua o acesso e a participação de diferentes públicos.

Assim, mais do que apresentar dois estudos de caso, este trabalho reforça a necessidade de reconhecer a dança como espaço de emancipação e cidadania. Promover ambientes em que todas as pessoas possam se expressar, criar e interagir em condições de igualdade significa não apenas ampliar horizontes artísticos, mas também contribuir para a consolidação de uma sociedade mais justa, sensível e inclusiva.

Fonte de financiamento: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

Dados de submissão da pesquisa para a Plataforma Brasil/Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): Número do CAAE: 84611624.7.0000.8142